

## O Regionalismo Literário: Um estudo de *Os Flagelados do Vento Leste e de Vidas Secas*

**Eneile Santos Saraiva<sup>1</sup>**  
Graduanda em Letras - UFRJ

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o livro *Os flagelados do vento leste*, escrito pelo caboverdiano Manuel Lopes e traçar um paralelo desse com *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, pautando-se na perspectiva da corrente literária regionalista. Em tais obras, observa-se a denúncia da situação de miséria em Cabo Verde e no Brasil, mais especificamente na região Nordeste, oriundas das dificuldades climáticas que causam escassez de chuva nesses países. A partir do estudo dos livros, apreender-se-á a temática do regionalismo como uma corrente atemporal, que não exclui o universalismo da obra de arte e nem a impede de ressignificar no leitor.

**PALAVRAS-CHAVES:** Regionalismo; Literatura caboverdiana; Literatura brasileira.

### **THE REGIONALISM LITERARY: A STUDY OF *OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE* AND OF *DE VIDAS SECAS*.**

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the book *Os flagelados do vento leste*, written by Capeverdian Manuel Lopes and map a parallel with the book *Vidas secas* of Graciliano Ramos, from of the current literary regionalist. In this work, there is a denunciation of the situation of poverty in Cape Verde and Brazil, particularly in the Northeast, from the difficulties that cause climate shortage of rain in those countries. From the study of books, regionalism is considered timeless and not rule out the universality of the work of art.

**KEYWORDS:** Regionalism; Capeverdian Literature; Brazilian Literature.

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/PIBIC no Projeto "Pelas trilhas da poesia e da pintura: Angola, Cabo Verde e Moçambique" sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Tindó Secco. Integra o grupo de pesquisa CNPq/UFRJ "Poesia Africana nos séculos XX e XXI". Sócia colaboradora da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL-RIO).

## Introdução

O regionalismo, de acordo com Pereira, pode ser definido como a corrente literária na qual está inserido “qualquer livro que intencionalmente ou não traduza peculiaridades locais” (PEREIRA, 1973: 179).

A partir dessa corrente literária, será analisada a obra *Os flagelados do vento leste*, escrita pelo caboverdiano Manuel Lopes e traçar-se-á uma comparação com o livro *Vidas secas*, do brasileiro Graciliano Ramos. Cabe ressaltar que o presente trabalho também apresentará as peculiaridades das obras em estudo, através da análise das mesmas.

Ambas as obras possuem em comum o retrato que fazem de vidas e regiões marcadas pelo longo período de estiagem. Em *Os flagelados do vento leste*, o leitor é apresentado a João da Cruz, Zepa, Monchinho, Lela e Jó, família que protagoniza a trama e que busca sobreviver do plantio de milho em Cabo Verde, em meio às devastadoras ausências de chuvas e às lestadadas.

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos compõe um livro em que é denunciada a situação de miséria e abandono de uma família, metonímia dos habitantes do Nordeste brasileiro, castigada pelas secas, que se vê obrigada a migrar em busca de sobrevivência.

O trabalho será dividido em cinco capítulos: O regionalismo nas literaturas brasileira e caboverdiana; Análise de *Os flagelados do vento leste*; Paralelo entre *Vidas secas* e *Os flagelados do vento leste*, sob a perspectiva do regionalismo e, por último, serão tecidas as considerações finais.

## Panorama do regionalismo na literatura brasileira e caboverdiana.

Antonio Candido, no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, mapeia características literárias, com base na produção das obras nas fases nomeadas por ele de consciência amena de atraso e fase de consciência catastrófica. A primeira fase corresponde à ideologia de um país novo e a segunda corresponde ao momento em que há a tomada de consciência do Brasil como um país subdesenvolvido. O autor atenta para o fato de que essa divisão de fases pode ser observada em países de toda a América Latina.

Destarte, acerca da prática do regionalismo nas obras literárias, Candido revela que na América Latina essa característica, na fase de consciência amena de atraso, serviu como descoberta da realidade dos países de tal continente pelos escritores. Já na fase de subdesenvolvimento, ou seja, de consciência catastrófica, o regionalismo funcionou como tema nas obras literárias desvendando que os autores tinham ciência da crise de seus países e demonstravam o quanto era necessário o empenho político para reverter àquela situação.

Na fase de consciência amena de atraso, em que estava presente a euforia gerada pela condição de país novo, Candido afirma que “tivemos o regionalismo pitoresco, que em vários países se inculcava como a verdadeira literatura. É a modalidade há muito superada e ou rejeitada para o nível da subliteratura” (CANDIDO, 1987: 159). Já no período de pré-consciência de atraso (1930-1940), fase híbrida entre

a consciência amena de atraso e a consciência catastrófica, o ensaísta destaca que “tivemos o regionalismo problemático, que se chamou de “romance social”, “indigenismo” “romance do Nordeste”, segundo os países e sem ser exclusivamente regional, o é em boa parte” (CANDIDO, 1987: 160).

A partir dessas considerações, observa-se que o termo regionalista é muito amplo e perpassando o tempo, autores e modificações históricas, aparece sob mais de um enfoque. Nota-se, também, que a partir do período de pré-consciência de atraso, as obras tidas como regionalistas passam a conter maior rigor literário. Nas palavras de Leite, “o regionalismo, como toda tendência literária, não é estático. Evolui. É histórico, enquanto atravessa e é atravessado pela história” (LEITE, 1995: 157).

No Brasil, o regionalismo se principiou com o Romantismo. Acerca dessa prática, Leite faz as seguintes considerações:

Feita a independência política, o desejo de afirmação e autenticidade cresce, junto com o índio, nosso romantismo erige os brasileiros de zonas afastadas dos grandes centros como representantes da brasilidade autêntica. Nasce, então, o regionalismo, que, embora ainda não tenha esse nome, é uma tendência combativa e pragmática de expressar, sobretudo pela ficção, o nosso interior. (LEITE, 1994: 178)

Assim, como já apontado por Candido, tem-se o regionalismo com base na descoberta do Brasil e com propriedades de se conhecer a fundo o país e o afirmar com base na valorização e na retratação de suas peculiaridades.

O regionalismo reaparece na literatura brasileira com força a partir de 1930, período que ficou conhecido como “o romance regionalista de 30”. Nessa fase, era para a produção literária nordestina que estavam voltadas as atenções. José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos são alguns dos nomes que se destacaram nessa fase. Esses escritores, de acordo com Almeida, “*pareciam* mais preocupados com o questionamento direto da realidade do que com a renovação da linguagem narrativa” [grifo meu] (ALMEIDA, 1980: 176). Nas suas obras ficcionais, os escritores demonstravam uma visão social da realidade, e “o romance social torna-se a forma narrativa dominante, definido, por assim dizer, o perfil estético da época” (ALMEIDA, 1980: 176).

Esse regionalismo brasileiro de 30 influenciou em muito os escritores caboverdianos, principalmente no que diz respeito ao grupo Claridade, formado pelos poetas Jorge Barbosa, Baltazar Lopes, António Nunes e pelo escritor, aqui nesse trabalho em estudo, Manuel Lopes.

Tal influência dava-se pelas semelhanças climáticas existentes entre Cabo Verde e o Nordeste brasileiro, já que as duas regiões sofriam dificuldades climáticas oriundas da escassez de chuva. No poema “Você: Brasil”, do poeta claridoso Jorge Barbosa, observa-se a nítida proximidade entre Cabo Verde e Nordeste brasileiro e a grande admiração do poeta pelo nosso país. A seguir, será reproduzido um fragmento do poema:

Você, Brasil, é parecido com a minha Terra,  
as secas do Ceará são as nossas estiagens,  
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.  
Mas há, no entanto uma diferença:  
é que os seus retirantes  
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,  
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem  
porque seria para se afogarem no mar. (BARBOSA. In: FERREIRA,  
1991: 130)

A partir desse trecho, podem-se apreender as similitudes climáticas entre Cabo Verde e a região Nordeste do Brasil e, também é possível pensar no drama caboverdiano gerado pelo aprisionamento que o mar estabelece, ainda mais na geração dos claridosos, acusada de pregar uma política evasioneira. No Brasil, com extensões territoriais continentais, faz-se possível a fuga, embora essa possa vir a ser mal-sucedida, de nordestinos em busca de condições dignas de vida, como retrata o livro *Vidas secas*. Esse fato já não pode ocorrer com tanta facilidade pelos caboverdianos, pois precisam enfrentar o mar, abandonando, assim, o seu país, para calcarem uma vida digna.

Voltando para o regionalismo na literatura caboverdiana, é notável que esse estilo literário também estivesse presente na época dos poetas pré-claridosos, cujos sujeitos poéticos “cantavam a pátria caboverdiana, porém os heróis e poetas por eles reverenciados eram os portugueses, o que demonstrava ser a cultura europeia ainda o ideal deles...” (SECCO, 1999: 13). Mesmo presos a um modelo poético europeu, os pré-claridosos, entretanto, já eram os percussores de uma escrita caboverdiana. A seguir, será reproduzido o um fragmento do poema “XI”, de Pedro Monteiro Cardoso.

A minha Pátria é uma montanha  
Olímpica, tamanha?  
De seio azul do Atlântico brotada  
E aos astros com vigor arremessada  
Pelo braço potente do Criador,  
Sobranceia com léguas em redor. (CARDOSO. In: FERREIRA, s.d.:  
158)

Como ocorreu com o “aparecimento” do regionalismo na literatura brasileira, também em Cabo Verde, essa estética literária apareceu em um momento no qual os artistas voltavam-se para a sua terra, com a intenção de descobri-la, colocá-la no poema e enaltecer as suas belezas.

Todavia, a estética literária regionalista não se cessou nos poetas pré-claridosos e claridosos. A geração seguinte, nomeada de Geração de certeza, não retirou do seu foco inspirativo Cabo Verde e o caboverdiano. Entretanto, os poetas dessa geração ficaram marcados pelo cunho reacionário contra o colonizador português. A geração de certeza “substituiu, assim, a utopia do evasionismo de alguns claridosos pela da luta armada em prol da libertação” (SECCO, 1999: 16).

Mesmo depois da independência política (1975), o regionalismo continuara presente na literatura caboverdiana. De acordo com Secco:

A produção poética desse período pós-independência (1976-1980), assumiu, em alguns poetas, como Corsino e João Vário, uma estrutura épica, que, cantando os motivos da terra, se erigiu no sentido da reconstrução nacional, cujo objetivo central foi o aprofundamento da caboverdianidade. O tambor, a cabra, o mar, o crioulo, signos das ilhas, tornaram-se matéria da poesia tecida por uma linguagem inovadora. (SECCO, 1999: 19).

É justamente essa caboverdianidade que pode ser entendida como regionalismo. A geração conhecida como mirabílica, apareceu nas décadas de 80 e 90, momento de vácuo cultural e tomada de consciência, cujos escritores atentaram para o fato de que a miséria e a fome assolavam ainda o arquipélago caboverdiano, ou seja, a independência não solucionara os problemas da sociedade. Assim, com esse grupo, a criação literária passava a ser mais subjetiva, o foco literário estava nos sentimentos do indivíduo, na metapoesia e no questionamento sociais.

Ainda na geração mirabílica, apreende-se o regionalismo. Dina Salústio, com sua prosa poética, em vários contos, pintou o retrato da mulher caboverdiana, mostrando-se sempre atenta em retratar o psicológico de suas personagens, como nota-se no seguinte fragmento:

À borda do barranco, com a lata de água à cabeça, e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos, como ela os amava, Nossenhôr! (SALÚSTIO, 1999: 08)

Ao logo da presente monografia, apreender-se-á o regionalismo de forma atemporal e passível de ocorrer em diversas obras da literatura já que, como corrente literária, ao contrário do que muito se pensa, o regionalismo não se esgotou e nem é sinônimo de falta de universalismo.

### **Análise de *Os flagelados do vento leste***

*Os flagelados do vento leste*, publicado em 1959, caracteriza-se como um dos maiores romances da literatura africana em língua portuguesa. O leitor, ao acompanhar a diegese narrada por Manuel Lopes, consegue construir o penoso retrato dos caboverdianos reféns da natureza.

Logo nas primeiras páginas, o autor nos apresenta o drama de José da Cruz e família, residentes de Terranegra, região Norte de Cabo Verde, em meio à escassez de chuva e a consequente improdutividade da terra. Cabo Verde, na época em que o livro foi escrito, tinha como uma de suas principais fontes de renda a agricultura, especialmente, o cultivo do milho e, com o solo seco, era impossível a prática de tal atividade agrícola.

Manuel Lopes também transmite as atrocidades que o ser humano comete ao ser dominado pela sua fome, como mostra o seguinte fragmento: “Quando as calamidades assolavam a Ilha, os mascarados caíam sobre os jornadeiros como corvos sobre o milharal.” (OFVL, 15).

Entretanto, em meio ao período de estiagem, o que mantinha os caboverdianos era a esperança: “Esperavam por ela, a *chuva*, como se espera pela sorte, no jogo. Se não viesse, a alternativa era apertar o sintômetro, meter a coragem no coração para lutar, como qualquer homem pode fazer no meio da borrasca.” [grifo meu] (OFVL, 14). É exatamente com esperança, que em meio a tanta seca, José da Cruz começa a plantar, “fazer a sementeira em pó” (OFVL, 21), pois confiava que a chuva viria, a terra tornar-se-ia produtiva e as condições de vida melhorariam.

Na sessão “Chuva” do livro é retratada a época das fortes chuvas e, com condições ainda restritas de sobrevivência observa-se que o retrato psicológico dos caboverdianos altera-se ao passo das mudanças climáticas. Através da passagem “o verde repentino dos campos afugentou o medo que povoara os corações dos homens. Estes voltaram a ser comunicativos; ganharam de novo, a esperança.” (OFVL, 51), apreende-se que a chuva, além de trazer condições de sobrevivência física, também influencia na condição psíquica dos habitantes das Ilhas de Cabo Verde.

Manuel Lopes não expressa forte engajamento político na obra em estudo, contrariando o perfil literário da época, a saber, a geração de certeza. Os escritores desse período faziam, via de regra, de suas literaturas uma potente arma de resistência e de reafirmação cultural frente ao colonizador português. Contudo, mesmo que sutilmente, é possível perceber no livro retratos das difíceis imposições sociais, aquém da situação climática, as quais a população de Cabo Verde estava exposta.

Desse modo, os filhos de José da Cruz eram impossibilitados de frequentarem escolas, visto que a única da região ficava longe: “o posto de ensino ficava mais de uma légua, de distância, por maus caminhos; o menino levaria o dia inteiro nisso e não aguentaria o ano todo” (OFVL, 55).

Outro ponto marcante que Lopes deixa transpassar no livro é o destino de os caboverdianos acabarem, por falta de opção, a renderem-se ao difícil trabalho no campo. Assim, a passagem a seguir retrata essa sina: “Significava que nele se estava operando a passagem de menino para homem. Na verdade, era o começo da escravização do menino pela terra, sob o disfarce tentador da responsabilidade de homem” (OFVL, 46).

Após o período de chuva Lopes leva o seu foco narrativo para os flagelos e, dessa forma, inicia a sessão “Flagelados”, em que se pode perceber e se sentir realmente como se dá a devastação em Cabo Verde no período das lestadadas.

O efeito cíclico, estiagem - chuva forte - estiagem é similar ao que assola o Nordeste brasileiro. Todavia, agravando a já terrível situação, os personagens do livro ainda se veem obrigados a resistirem aos fortes ventos, que impedem a formação de nuvens e a uma praga de gafanhotos. Todavia o clima em Cabo Verde mostra-se peculiar em relação ao do Nordeste brasileiro. Dessa forma, Fontes, no [site imigrantes.no.sapo.pt](http://siteimigrantes.no.sapo.pt) informa que:

O arquipélago fica situado na zona de oscilações dos anticiclones subtropicais. Ora quando estes se centram sobre o arquipélago, não chove, o que pode acontecer durante anos seguidos, situação que provocou ao longo de séculos secas, fome, emigrações massivas.

Assim, as estiagens podem perdurar por muito tempo e o período de duração dessas pode variar de ano para ano. No século XX, as secas no arquipélago dizimaram centenas de vidas. Em secas de 1903-1904, contabilizaram-se 14.486 mortos; no período de 1919-1929, foram relatados 5.192 mortos e entre os anos de 1940-1948: cerca de 50 mil mortes (24.463 mortos entre 1941-1943) foram registradas, como informa Fontes, no *site* [imigrantes.no.sapo.pt](http://imigrantes.no.sapo.pt).

Em *Os flagelados do vento leste*, Manuel Lopes demonstra essa irregularidade climática, pois nos meses de agosto, setembro e outubro, onde teoricamente vigoraria a estação das chuvas, essa não veio.

No fragmento que será reproduzido a seguir, é possível perceber a força do vento e o estrago que esse faz nas plantações:

As plantas miseravelmente sacudidas, as folhas arrancadas juncando o chão, os milheiros torcidos pela base, as aboboreiras e os feijoeiros abanando os compridos e delgados braços, pedaços de plantas levadas ladeira abaixo. O vento insinuava-se, ardente, nas frinchas da porta. (OFVL, 88)

A pobreza e a miséria, então, acentuam-se em Cabo Verde. Manuel Lopes narra famílias com seus estoques de comida findando e, em busca da sobrevivência, migrando para outras partes do arquipélago. O destino era o sul, onde ainda restavam algumas terras férteis e também havia instalado-se uma empresa de construção de estrada. Nessa parte, podem-se apreender as cruéis sujeições feias aos habitantes da ilha, pois na empresa de construção, os trabalhadores, em um trabalho escravo, recebiam em troca apenas arroz: “– Ouvi dizer que vão pagar a gente com arroz” (OFVL, 128).

Manuel Lopes marca que obras públicas foram iniciadas para auxiliar os caboverdianos: “(...) as obras públicas iniciaram os trabalhos de socorro aos flagelados” (OFVL, 123). Entretanto, em virtude da imensa degradação, a população não cessou de sofrer e as mortes se sucediam em grandes escalas.

Em meio ao êxodo, José da Cruz persistia em não abandonar a sua casa e estar à espera da chuva: “se chovesse, então, José da Cruz teria sido o único homem a encontrar-se no seu posto” (OFVL, 189). Ele presencia primeiro a morte do filho mais novo, Jó, por falta de comida; tempos depois, Zepa, com a saúde já fragilizada se deixa vencer pelo desejo da morte e comete suicídio “Quando a mulher foi levada, na noite negra, pelo penedo da beira do barranco, José da Cruz perdeu a orientação de sua vida” (OFVL, 189); José da Cruz, após a morte de Monchinho e Lela, põe-se a andar pela estrada, sem rumo e sem perspectivas.

A morte também assolava as famílias que migravam, pois a seca era tanta que a situação estava caótica por praticamente todo o arquipélago. Também foi narrada por Manuel Lopes a morte de Conca, comadre de Zepa, e de seus filhos, que tinham migrado para a região Sul do arquipélago.

Como já mencionado, nesse período de estiagens e flagelos, era comum que mascarados atacassem migrantes que partiam em busca de melhores condições de

vida. Leandro, filho do primeiro casamento de José da Cruz, era um desses assoladores, que praticava furtos para garantir a sua sobrevivência.

Leandro figurou no livro como uma remontagem do clássico herói *Robin Hood*, só que, ao invés de roubar dos ricos, ele furtava pessoas tão desprovidas quanto ele e, distribuía parte do seu roubo com sua família. Cabe aqui lembrar que José da Cruz, quando desconfiou das atrocidades do filho, o expulsou de casa e não aceitou os mantimentos.

É justamente através de Leandro que Manuel Lopes constrói uma triste ironia. Tal personagem é agredido por algumas pessoas que suspeitaram ser ele o autor de um cruel assassinato na estrada. Após se recuperar por algum tempo no hospital e ser inocentado das acusações, Leandro volta para a gruta onde vivia com Libânia. Lá, ele não encontra a esposa e muito ferido, mas com o surrão cheio de mantimentos, acaba por não resistir aos ferimentos. É claro que Leandro poderia estar enfraquecido por causa de uma alimentação inadequada, todavia, não morre por não ter o que comer.

*Os flagelados do vento leste* tem um cunho fortemente realista. Manuel Lopes retrata, de forma fiel, todo o flagelo causado pela estiagem na ilha de Cabo Verde. Atentando para essa veia realista, o autor compõe uma obra com longos parágrafos, em alguns momentos, excessivamente descritivos, como se observa no trecho a seguir, em que o autor retrata minuciosamente a descrição da região onde vivia Leandro:

A dez braças acima da entrada da gruta onde Leandro vivia, desfrutava-se um panorama grandioso. Era um pequeno terraço, situado no alto dum penhasco negro perdido num labirinto de penhascos menores, os quais, vistos à distância, desenhavam uma cadeia de cabeços pontiagudos que bordeavam as cristas superiores, aparentemente inacessíveis da vertente leste do planalto. (OFVL, 160).

Ao longo desse capítulo, apreendeu-se a descrição e peculiaridades dos habitantes de Cabo Verde em meio à falta de chuva. Dessa forma, atentando para o regionalismo, Manuel Lopes descreveu particularidades dos caboverdianos, como, por exemplo: a sociedade agrícola, com base no cultivo de milho, caboverdianos passando fome, enfrentando flagelos e migrando dentro da sua própria Ilha.

Lopes também retrata costumes locais, como os que dizem respeito à gastronomia caboverdiana, que serão listados a seguir: “papa-rolão”, prato típico de Cabo Verde, feito à base de farinha de milho, “cachupa”, feito com milho, pouco feijão, cebola e banha; “camoca”, que é o nome dado à farinha de milho queimada, entre outros. Em relação à cultura caboverdiana, o autor ainda fala da “morna”, ritmo musical típico da região: “Morna é a cura do reumatismo. Roncam tambores nos terreiros, é uma tal trabuzana!” (OFVL, 111). São inúmeros os regionalismos encontrados no livro, tanto é, que ao final da edição portuguesa, há um glossário.

Além dos elementos da culinária de Cabo Verde e da cultura do país, há no livro também um léxico específico, que provavelmente tem origem crioula e adentrou no português lá falado. São exemplos os vocábulos sarabanda (vento forte, rebuliço); dja (ilha), fep (completamente) etc. O autor ainda, em alguns trechos, retrata fielmente



a forma de falar do caboverdiano, como no seguinte fragmento: “<<Ah? Cos'ê?>> – S'ocê pra vender (...), (OFVL, 222)” e “– Boas horas, senhores – salvou ele. Como vai, Nhinhô?” (OFVL, 70).

Sendo assim, a partir dos exemplos supra listados, apreende-se o regionalismo manifestando-se na medida em que traços, costumes e paisagens caboverdianas revelam-se ao leitor ao longo da história narrada por Manuel Lopes.

### **Comparação entre *Os flagelados do vento leste* e *Vidas secas***

*Vidas secas*, publicado em 1938, é uma obra que marca o regionalismo de 30 no Brasil. Seu autor demonstra preocupações com as secas que atravessam a região nordestina, quais sejam, a climática e a política e, a partir de uma forte veia realista, faz um retrato da difícil situação do nordestino que é obrigado a conviver com tais situações.

Nesse capítulo pretende-se buscar uma comparação entre *Os flagelados do vento leste* e *Vidas secas*, já que como mencionado no capítulo “O regionalismo na literatura brasileira e caboverdiana”, os escritores brasileiros do regionalismo de 30, entre eles Graciliano Ramos, influenciaram os escritores caboverdianos. Graciliano Ramos, ao compor *Vidas secas* pinta o fiel retrato dos nordestinos que enfrentam dolorosas secas, assim como Manuel Lopes faz ao centralizar o foco narrativo do seu livro nos flagelos causados pela ausência de chuva. De acordo com Coelho:

Graciliano Ramos nos dá em *Vidas secas* um retrato pungente do homem nordestino, o homem que nasce condenado às imposições duras da terra, vivendo sob a contínua ameaça do brasileiro do sol que, em ciclos eternos, estende sobre ele a devastação e a morte, fazendo-o arrastar-se como “condenado do inferno” à procura de regiões menos hostis e deixando-o depois voltar para reiniciar a sua valente luta sem quartel (COELHO, 1978: 67).

No capítulo anterior, observou-se que Manuel Lopes, ao escrever *Os flagelados do Vento Leste*, pareceu mais preocupado em retratar o caboverdiano do que em fazer denúncias e apontar culpados de todo o flagelo e devastação. Destarte, a escassez de chuva aparece como a grande causadora das mazelas.

Semelhante comportamento apresenta Graciliano Ramos, em *Vidas secas*. Entretanto, o autor alude, de forma um pouco mais clara que Manuel Lopes, que a situação de miséria dos nordestinos não está vinculada apenas às condições climáticas, mas vincula-se, também, a falta de políticas públicas de promoção da cidadania local. A percepção do descaso político não é assinalada por Fabiano e familiares. No entanto, a relação de causa e consequência entre seca e miséria/ausência de seca e melhores condições de vida é clara nesse fragmento: “Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito...” (VS, 24).

Como estratégia literária de reafirmação das vidas secas, personagens com dificuldades de comunicação e escassez lexical, são compostos por Graciliano Ramos, como mostra o seguinte fragmento (VS, 77): “Não era propriamente conversa;

eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo”.

Essa carência de linguagem dos personagens do livro “torna-se causa e expressão concreta da incapacidade de compreenderem o mundo em que vivem” (ALMEIDA: 1980, 275). Essa ausência de conhecimento global também nos remete à falta de escolarização de Fabiano e sua família. Na passagem: “Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros” (VS, 22), Fabiano, de certa forma, pontua o conhecimento como algo pouco necessário para a vida nordestina, já que no momento da seca, ter ou não estudo não faz diferença, pois todos sofrem as mazelas da mesma maneira.

Entretanto, Fabiano, quando preso, após ter se metido em confusão com o Soldado amarelo, não soube se explicar, “bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso?... Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?” (VS, 16).

Fabiano, na cadeia, chega a refletir, então, sobre a falta que a escolarização faz em sua vida: “Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-lo. Fosse perguntar a Seu Tomás da bolandeira” (VS, 34). Assim, a ausência de escolarização impede uma leitura crítica das relações sociais, ou seja, há uma alienação por parte de Fabiano e sua família do seu próprio mundo, o que gera seres “inertes”, incapazes de atentarem para seus direitos e refletirem sobre seus problemas.

Essa alienação em meio aos problemas sociais já não é tão visível em *Os flagelados do vento leste*. Na obra, não se apreendem personagens reflexivos sobre suas condições de vida e sobre seus problemas, a não ser quando eles os correlacionam somente com as péssimas condições climáticas do arquipélago caboverdiano.

Graciliano Ramos constrói o seu livro utilizando-se de parágrafos curtos, munidos de linguagem objetiva e que vai direto ao ponto, ao contrário do que faz Manuel Lopes, já que tal autor constrói longos parágrafos descritivos.

As obras em estudo se aproximam pelo forte traço realista que as marcam. Assim, tanto *Os flagelados do vento leste* como *Vidas secas*, os autores não constroem “happy ends”, uma vez que tanto Manuel Lopes quanto Graciliano Ramos retratar as dificuldades pelas quais caboverdianos e nordestinos passam em meio às péssimas condições climáticas.

Ainda como expressão dessa forte veia realista dos autores em estudo, em *Os flagelados do vento leste*, temos como episódio final a morte de Leandro. Além disso, Manuel Lopes não revela qual foi o fim de José da Cruz, pois o personagem não figura mais no livro após ter se assentado abaixo de uma árvore.

Em *Vidas secas*, o livro termina com o capítulo “Fuga”, em que Fabiano e família partem novamente em busca de melhores condições de vida, já que, devido ao efeito cíclico da chuva no Nordeste, depois de um período de águas, a estiagem havia voltado, causando novamente, a retirada da família protagonista da trama.

*Vidas secas* e *Os flagelados do vento leste* podem ser consideradas como obras regionalistas, já que trazem peculiaridades e características das regiões que retratam. Desse modo, observa-se que Manuel Lopes permeia a sua obra de termos locais, referentes à gastronomia e à cultura caboverdiana. Graciliano Ramos, na construção dos personagens de vidas tão secas, compõe um livro marcado exatamente pela falta de ambientação, ou seja, pela degradação ocasionada pela seca, que gera solo improdutivo, vegetação quase inexistente e poucas condições de vida. Todavia, Graciliano Ramos também faz referências ao léxico do Nordeste e a elementos da cultura local, por exemplo: juazeiros; cambembes, regionalismo de Alagoas, que significa habitante pobre de uma área rural; mandacaru, arribações, entre outras.

O regionalismo, muitas vezes é tomado por escritores e críticos “como uma pecha, contra a qual alteiam-se vozes indignadas de defesa” (ALMEIDA: 1980, 262). Esse preconceito tem origens em uma tradição literária na qual o regionalismo foi rotulado como algo impossível de se conciliar com o universalismo tão almejado pelos autores. Esse pensamento pode até ter tido fundamento nos momentos em que os autores iniciavam a literatura, tanto no Brasil quanto em Cabo Verde

Entretanto, é preciso considerar o regionalismo como um estilo literário atemporal. Tanto em *Vidas secas* como em *Os flagelados do vento leste* temos romances universais. Qualquer leitor no mundo é capaz de compreender, se emocionar e sentir o drama de Fabiano e família que lutam pela sobrevivência e por melhores condições de vida. O mesmo ocorre com a trama de José da Cruz e família, que também pode ser lida, apreciada, ou não e significada para qualquer leitor, independente de sua nacionalidade. Almeida reflete acerca do universalismo e do regionalismo e faz a seguinte exposição:

Grave engano: regionalismo coloca-se no pólo oposto a cosmopolitismo – que encerra uma conotação de desenraizamento cultural –, nunca a universalismo. Uma obra torna-se universal pelo seu significado e o fato de mostrar-se presa, em uma matéria narrativa, a um contexto cultural específico, que se propõe a retratar e onde vai haurir a sua substância, não a impede de adquirir sentido universal. (ALMEIDA: 1980, 262)

Por fim, tanto *Vidas secas* quanto *Dois irmãos* podem ser consideradas obras regionalistas e universais, já que trazem peculiaridades locais e são ambientadas em espaços bem específicos, fato que não exclui a possibilidade de que tais obras sejam lidas em qualquer parte do mundo, pois as histórias narradas se fazem universais e capazes de serem compreendidas por qualquer leitor.

## Considerações finais

Ao longo do trabalho, foi possível perceber como a corrente literária regionalista manifestou-se nas obras estudadas. Manuel Lopes e Graciliano Ramos construíram imagens de homens que, em virtude das difíceis condições climáticas, se veem reféns da natureza e obrigados a conviverem com os flagelos.

As duas obras são extremamente realistas, o que contribui para o retrato mais fidedigno dos personagens. Em *Os flagelados do vento leste*, Manuel Lopes construiu personagens amargurados e impotentes em meio às longas secas e improdutividade do solo e, dessa forma, colocou a população caboverdiana como cerne do seu foco narrativo.

Graciliano Ramos, em *Vidas secas*, denuncia a situação de miséria nordestina e traz para a realidade nacional e mundial uma parte do Brasil, de forma dura e sincera, e faz com que o leitor trace reflexões sobre as mazelas geradas pela seca e pela falta de um plano/envolvimento político com a região.

Assim, Cabo Verde e o Nordeste brasileiro não aparecem como meros cenários onde são narradas as diegeses, pois os personagens caboverdianos de *Os flagelados do vento leste* e nordestinos de *Vidas secas* estão intimamente ligadas às suas regiões.

Por fim, cabe ressaltar que o fato das obras estudadas serem regionalistas não as impedem de serem lidas por qualquer leitor no mundo, o que as caracteriza como universais.

*Os flagelados do vento leste* já contou com tradução ucraniana e foi adaptado para o português falado em Portugal. *Vidas secas* já foi traduzido para 16 línguas e o livro já aproximadamente 2 milhões de exemplares por todo o mundo. Esses dados reforçam o caráter universal de tais obras, que podem mexer com a recepção do leitor, agradá-lo, ou não e serem compreendidas em qualquer país.

## Referências

- ALMEIDA, José Maurício de. A tradição regionalista no romance brasileiro (1857 – 1945). Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- BARBOSA, Jorge. Você, Brasil In: BARBOSA, Rogério Andrade. No ritmo dos tantãs: antologia poética dos países africanos de língua portuguesa. Brasília: Thesaurus, 1991. 165 p.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: \_\_\_\_\_. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987. p. 140-162.
- COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In : BRAYNER, Sônia (org.). Graciliano Ramos (coletânea). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2ª ed. 1978. p.60-73.
- CARDOSO, Pedro Monteiro “XV”. In: FERREIRA, Manuel. 5º poetas africanos. Lisboa: Plátano, s.d.
- FONTES, Carlos. República de Cabo Verde: Clima e fome. Disponível em <<http://imigrantes.no.sapo.pt/page2CVClima1.html>>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.
- LOPES, Manuel. Os Flagelados do vento leste. 3.ed. Lisboa: Vega, 1991.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. História da literatura brasileira. Prosa de ficção de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: J. Olympio/MEC, 1973.p. 179
- RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 47. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- SALÚSTIO, Dina. Liberdade adiada. In: \_\_\_\_\_. Mornas eram noites. Lisboa: Instituto Camões, 1999. p. 07 e 08.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. Mar memória e metapoesia na lírica caboverdiana. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX (Vol. II – Cabo Verde). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras - UFRJ, 1999. p. 09-27.